

LE
N
N
A
N
N
U
L
N

Os dez
mandamentos
para um
escritor
iniciante
no Brasil





Os dez
mandamentos
para um
escritor
iniciante
no Brasil

Para o mestre Soares,
Futura, como sempre, pub
em exatidão o trabalho em
favor de nós e
amigos.

Normanne

São Paulo 20/04/2023



O SEBO
CULTURA

De A a Z todo universo
para você.

Fones: (83) 3241-1423 / 3222

www.osebocultural.com.br

LE
M
N
A
M
L
L
N

Os dez
mandamentos
para um
escritor
iniciante
no Brasil





Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antônio Guedes Rangel Júnior | *Reitor*

Prof. José Etham de Lucena Barbosa | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Diretor*

Conselho Editorial

Presidente

Antonio Roberto Faustino da Costa

Conselho Científico

Alberto Soares Melo

Cidoval Morais de Sousa

Hermes Magalhães Tavares

José Esteban Castro

José Etham de Lucena Barbosa

José Tavares de Sousa

Marcionila Fernandes

Olival Freire Jr

Roberto Mauro Cortez Motta

Editores Assistentes

Arão de Azevedo Souza



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

JOSÉ NÊUMANNE PINTO

Os dez
mandamentos
para um
escritor
iniciante
no Brasil



CAMPINA GRANDE/PB
2017

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EDUEPB segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Diretor*

Araão de Azevêdo Souza | *Editor Assistente de projetos visuais*

Design Gráfico

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Lediania Costa

Leonardo Ramos Araujo

Comercialização e Distribuição

Vilani Sulpino da Silva

Danielle Correia Gomes

Divulgação

Zoraide Barbosa de Oliveira Pereira

Revisão Linguística

Elizete Amaral de Medeiros

Normalização Técnica

Jane Pompilo dos Santos

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

342
D598

Direitos sociais: o Artigo 6º da Constituição Federal e sua efetividade [Livro eletrônico]. / Clésia Oliveira Pachú (Organizadora). – Campina Grande: EDUEPB, 2015.
4800 KB. 274 p.: il.

Modo de acesso: Word Wide Web
<http://proreitorias.ascm.uepb.edu.br/prograd/?page_id=655

ISBN 978-85-7879-253-4
ISBN E-BOOK 978-85-7879-262-6

1. Direito 2. Direito social. 3. Artigo 6º. 4. Constituição Federal do Brasil. 5. Efetividade. 6. Políticas públicas. 7. Bolsa família. 8. Saúde. 9. Ensino. 10. Previdência social. I. PACHÚ, Clésia Oliveira. II. Título

21. ed. CDD

Palestra do escritor e jornalista José Nêumanne Pinto no sarau de um ano do PÔR DO SOL LITERÁRIO, evento apresentado pela confraria Sol das Letras, no Jardim de Academos, da Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa, em 11 de dezembro de 2014, com texto atualizado, ampliado, corrigido e revisado em 12 de fevereiro de 2017.



Hélder Moura
Presidente

Juca Pontes
Vice-presidente

Ana Paula Cavalcanti Ramalho
Secretária-executiva

Gilvan Freire
Presidente do conselho consultivo



Editores
Hélder Moura
Juca Pontes

Projeto Gráfico-editorial
Juca Pontes

Editoração eletrônica
Allan Melo

Revisão
Márcia Lígia Guidin

Supervisão editorial
Luiz Sérgio Baptista

Supervisão gráfica
Alex Cristiano Xavier

Impressão e acabamento
Gráfica JB

Convite para uma prazerosa oficina literária

Criar e coçar é só começar? Mas como é que se faz para começar?

Para o premiado jornalista, poeta e ficcionista José Nêumanne Pinto, o processo criativo segue uma longa trajetória. No seu caso, começou na infância, ao ouvir poemas de Augusto dos Anjos, Jansen Filho, Casimiro de Abreu e Castro Alves que sua mãe recitava de cor no calor das noites do sertão paraibano. Isso o levaria ao prazer da leitura, cuja descoberta lhe trouxe outro: o de escrever. Já nos seus primeiros exercícios de escrita ele iria perceber o quanto ainda precisava ler... para começar.

Portanto, os seus dez mandamentos para um escritor iniciante no Brasil

partem da convicção de que ler é criar. Ou por outra: o escritor se faz à base de muita leitura. Mas Nêumanne começa advertindo que é preciso cuidado com a contaminação dos textos medíocres, que a seu ver são ostensivos, exibicionistas e tirânicos. E lembra que os grandes autores sempre foram seletivos em suas leituras.

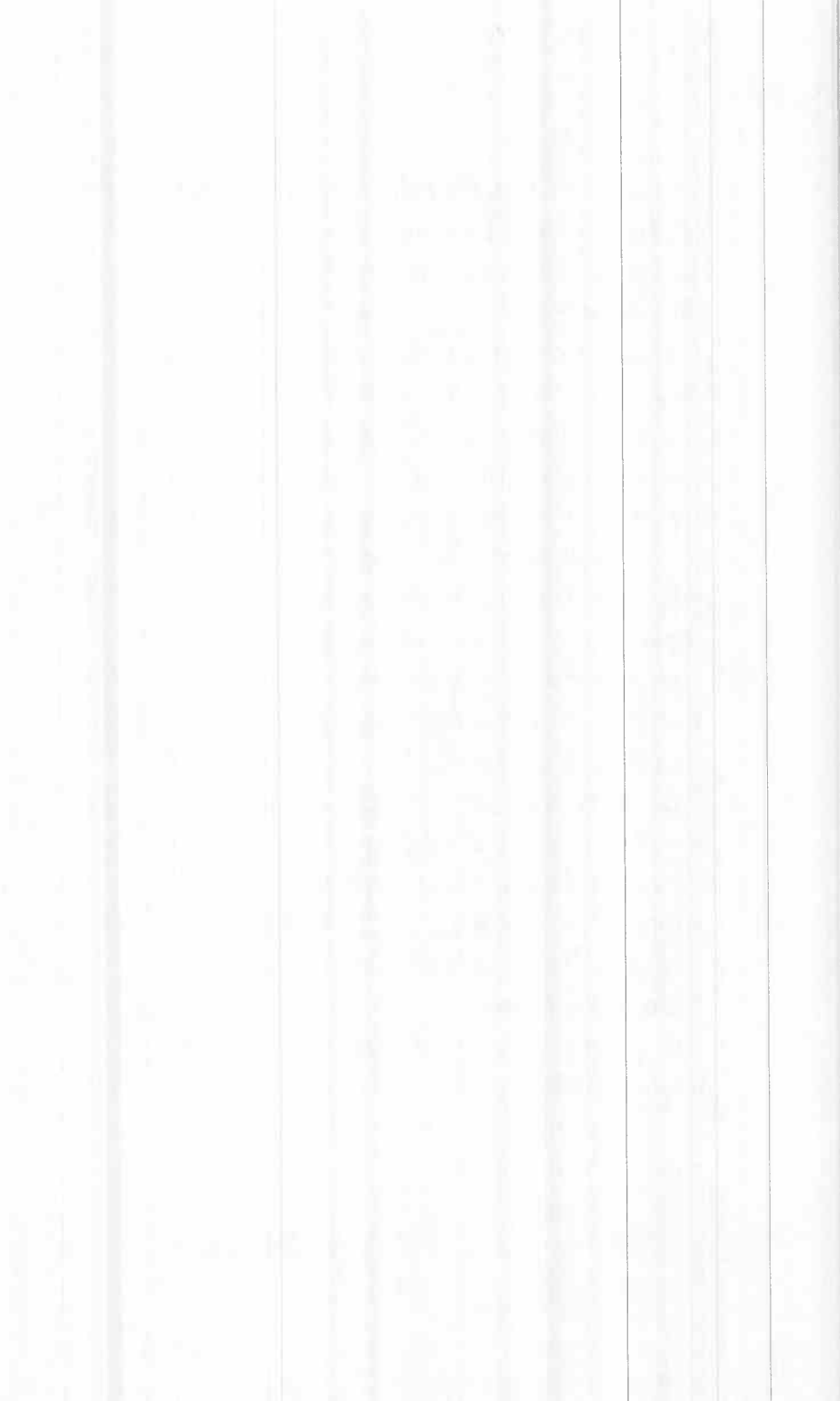
*Assim ele falou na Academia Parai-
bana de Letras, da qual é membro efeti-
vo, desde o dia 11 de dezembro de 2014.
O texto da sua palestra é publicado ago-
ra, com acréscimos provocados por cole-
gas de ofício que o leram, como Aleilton
Fonseca e Evandro da Nóbrega. Cada
mandamento trata de uma questão es-
pecífica, que Nêumanne procura eluci-
dar, como esta, já tornada um verdadei-
ro tabu: a de que o bom escritor fora do
eixo Rio-São Paulo, para ser publicado,
precisa sair da sua cidade natal. E o faz
com um mapeamento dos autores que
não precisaram migrar, da Amazônia ao
Nordeste, e deste ao Rio Grande do Sul.*

*Poeta de **Barcelona**, **Borborema** e **As
tábuas do Sol**, autor de reportagens que*

lhe valeram um Prêmio Esso de Jornalismo e um Troféu Imprensa, e ficcionista agraciado com o Prêmio José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras, por O silêncio do delator, José Nêumanne Pinto não se limita aqui a emitir os seus próprios juízos sobre os assuntos de que trata, todos, obviamente, de interesse para quem está se iniciando no mundo das letras. Por exemplo: ao tratar dos primeiros passos em relação à publicação de obras de estreia, seus pontos de vista são embasados pelos depoimentos de editores conceituados. Ele também busca o respaldo de professores-escritores para falar da crítica acadêmica. A propósito, a outra crítica, a da imprensa, não lhe escapa. Observando-a de dentro – afinal, ele continua na ativa, no jornalismo, pois é editorialista e colunista do jornal O Estado de S. Paulo – Nêumanne apresenta um quadro bastante realista do que está acontecendo com ela.

Isto para dizer o mínimo desta prazerosa oficina literária.

Antônio Torres



Índice

Primeiro mandamento \ 17

Segundo mandamento \ 27

Terceiro mandamento \ 37

Quarto mandamento \ 53

Quinto mandamento \ 63

Sexto mandamento \ 73

Sétimo mandamento \ 81

Oitavo mandamento \ 89

Nono mandamento \ 97

Décimo mandamento \ 111

PRIMEIRO MANDAMENTO



Recusar a
mediocridade, pois
para escrever bem é
preciso ter tolerância
zero para o erro.

Conheci o prazer de fruir a boa literatura antes de aprender a ler. Minha mãe dizia de cor poemas nas noites escuras e quentes do sertão, na calçada da casa onde morávamos, em Uiraúna. Ali travei contato com Augusto dos Anjos, Jansen Filho, Casimiro de Abreu e, principalmente, Antônio Frederico de Castro Alves, os favoritos dela. Na primeira infância, me arrisquei a escrever logo depois de ter-me iniciado no prazer da leitura. Foi aí que percebi que para escrever bem é preciso ler o máxi-

mo possível. Mas, de preferência, só ler coisas boas. A má leitura é nociva à boa escrita. O primeiro duro desafio para o autor iniciante é separar o joio do trigo.

Certa vez, em Buenos Aires, o genial ficcionista portenho Jorge Luis Borges me disse que a imprensa é uma desgraça da humanidade, pois bom mesmo era o tempo dos papiros, pergaminhos e dos palimpsestos (principalmente neste caso, pois um texto teria de superar o outro para ser inscrito em cima dele), quando a reprodução da escrita dava muito trabalho, não era mecânica, como passou a ser por causa do prelo. Um dos escritores favoritos de Borges, o britânico Chesterton, escrevia muito para jornais, mas dizia que, quando desejava saber do que se passava na humanidade, lia a Bíblia.

Os grandes escritores acabam por adquirir autonomia para o exercício seletivo do livre-arbítrio em meio à profusão de publicações que a indústria editorial oferece. Cada dia fica

mais fácil reproduzir escritos e cada dia mais proliferam textos ruins, que os autores praticamente impõem aos editores e estes, aos leitores. Qual terá sido o efeito disso na enorme oferta de livros pela indústria editorial e na queda de qualidade? O grande poeta paraense Ruy Barata dizia nos “bote-cos literários” de Belém: “Uma livraria tem um poder enorme; para o bem ou para o mal. Sua vida inteira pode depender da escolha que, dentro dela, você vier a fazer”.

Ou seja, o autor iniciante precisa ser vacinado contra a pior das pragas literárias, a contaminação da mediocridade. A mediocridade é ostensiva, exibicionista e tirânica. O medíocre não se contenta em sê-lo. Ele quer ter cúmplices. Danou-se: senti-me incorporando Nelson Rodrigues, ao afirmar-lhes isso. Mas voltemos ao rés do chão. Eu tenho fama de ser malvado e até grosseiro, mas até hoje nunca tive coragem de rejeitar de cara um livro ruim que

me oferecem. Minha mãe ficava furiosa com minha mania de corrigir os erros de português da conversa de suas amigas. Talvez por isso, sinto certa dificuldade até para não pôr na estante a má obra, capaz de contaminar as melhores na minha biblioteca.

No avião, vindo para cá, prometi a Isabel que vou jogar fora todos os livros medíocres de nossa casa. Vai ser uma limpeza e tanto. Neste particular, há o que chamo de ponto de corte, como se estivesse corrigindo uma prova de vestibular: é o erro gramatical. Já recebi livro com erro gramatical no título, na capa. Vou continuar recebendo, mas não guardarei mais. Um escritor que comete erro gramatical é como se fosse um mecânico, que não sabe como funciona o motor nem para que serve o combustível. Para a mediocridade, a tolerância tem que ser zero.

SEGUNDO MANDAMENTO



Vencer a maldição
da fuga do profeta.

Um de meus textos favoritos é o Sermão da Sexagésima, do padre Antônio Vieira. Nele o grande pregador diz que há dois tipos de sacerdotes, os párocos e os missionários. É uma lição de vida. Ao contrário do que reza o ditado, o profeta pode, sim, ser ouvido em sua terra. Márcia Lígia Guidin, da Miró Editorial, me pediu para lhes contar que o bom escritor não precisa sair de sua cidade para publicar. Concordo com ela. Marisa Lajolo (pesquisadora, ex-curadora do prêmio Jabuti e autora

de **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**) e a vida lhe dá razão: Waldemar Solha mora em João Pessoa e mantém a alta qualidade de seus textos de crítica e ficção. *Relato de Prócula*, editado originalmente na Girafa, uma editora da qual fui sócio, é um exemplo. O poeta amazonense Aníbal Beça nunca saiu de Manaus, é pouco conhecido no resto do Brasil, mas famosíssimo no Caribe. Assim também ficaram em Belém os magníficos poetas João Jesus de Paes Loureiro, Pedro Galvão e Ruy Barata, que ciceroneou uma visita de Elizabeth Bishop à Amazônia. E isso foi registrado por ela em cartas.

Socorro Accioly, 39 anos, nascida em Fortaleza, que estreou com *O pipoqueiro João*, publicado pela editora Nação Cariry quando ela tinha 8 anos, não precisou sair de Fortaleza para ganhar, com seu livro *Ela tem olhos de céu*, o prêmio Jabuti de Literatura Infantil de 2013. Outro exemplo em Fortaleza é o da editora Tupynankin, do cordelista Klevis-

son Viana. Moram no Recife o médico cearense Ronaldo Correia de Brito, autor de *Galileia*, Prêmio São Paulo de Literatura, editado pela CosacNaify, que foi a mais chique editora brasileira até fechar as portas na crise de 2015; o historiador Frederico Pernambucano de Melo, que escreveu *Guerreiros do sol*; e a psicanalista Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, autora do primoroso romance *Luz do abismo*, os dois últimos editados por mim na Girafa. Everardo Norões, que nasceu no Crato e viveu na França, Argélia e Moçambique, agora foi publicado pela Confraria do Vento, pequena editora carioca, da qual é sócia a recifense Karla Melo, e venceu o prêmio Portugal Telecom com a coletânea *Entre moscas*, superando Antônio Prata e outros cronistas de grandes jornais. O poeta Mário Quintana nunca saiu do Rio Grande do Sul e o folclorista Câmara Cascudo sempre viveu no Rio Grande do Norte. Dalton Trevisan ganhou fama internacional morando em

Curitiba. O poeta Manoel de Barros, que morreu há pouco, passou a vida inteira em seu Mato Grosso natal. Muita gente na província tende a encarar o avião para o Sudeste como o caminho da salvação. Este é “um ledo e ivo engano”, como diziam antigamente os gozadores bem informados na Praça do Rotary, na Campina Grande de minha adolescência.

TERCEIRO MANDAMENTO



Não se desesperar
com as tentativas
malogradas de convencer
um editor de sua
genialidade ignota.

Chegamos agora ao desafio da estreia. Primeiramente, não se apresse, pois não há limite de idade. Ana Luísa Escorel, paulistana, 74 anos, filha da professora Gilda e de Antonio Candido de Melo e Souza, o mais venerado crítico literário brasileiro, venceu o Prêmio São Paulo de 2014, o de maior valor monetário, com o romance *Anel de vidro*, ao lado de Verônica Stigger, gaúcha, de 41 anos, estreante, com *Opisanie swiata* (CosacNaify), título que supera em complexidade *A intertextualidade das*

formas simples, de nossa amiga Betinha Marinheiro.

Wander Soares, que dirigiu a Saraiva, pediu-me que contasse a vocês que há dois meios de editar um livro no Brasil hoje: a autopublicação e a maratona da aprovação por uma editora estabelecida, não necessariamente no Sudeste ou no Sul. A primeira pode ocorrer de duas maneiras: assumir a missão de imprimir e vender ou pagar para um profissional fazer isso. Há editores que por dinheiro fazem qualquer negócio. Outros, não: exigem qualidade. Lembro-me de um jantar com meu saudoso amigo Luiz Augusto Crispim quando ele me contou que, sendo um autor bem vendido de compêndios na área jurídica na Saraiva, teria de financiar a própria edição de livro de poesia ou ficção desde que, primeiro, passasse pelo crivo de qualidade do grupo editorial. Ele tinha que apresentar um bom livro e pagar por sua edição. Assim também agia o badalado editor Massao Ohno, que pontificou em

São Paulo nos anos 60 e 70. Mas há também editores que, tendo a edição paga, editam qualquer coisa.

A maratona é dura e exige paciência. Mande o texto para um editor e saiba que só terá noção do destino dele se aquele editor resolver publicá-lo. Receber o texto recusado de volta, nem pensar. Custa caro. E muito editor nem o lerá. Mais fácil será jogá-lo no lixo. Mas nunca perca a esperança. Faça cópias e mande para outros. Se não conseguir furar o bloqueio, o que não é fácil, poderá optar também pela plataforma do livro editado por internet. Muita gente tem apelado para isso com êxito. Não há mais editores como José Olympio, que publicou tudo o que os grandes autores brasileiros, que frequentavam sua livraria no centro do Rio, escreviam. Nem como Ênio Silveira, que se tornou um ícone da resistência de esquerda à ditadura militar na Civilização Brasileira, cujos livros eu lia sofregamente, à época de minha adolescência em Cam-

pina Grande, comprando-os na Livraria Pedrosa. Aliás, não há mais Livraria Pedrosa. Nem a Livraria Teixeira, na rua Marconi, no centro de São Paulo, que eu costumava visitar nos anos 70, ao lado do poeta Ronaldo Cunha Lima, que trabalhava no Banco Industrial de Campina Grande, no mesmo quarteirão. Agora as livrarias são shopping centers que vendem de tudo -- até, às vezes, livros. Sou rato de livraria desde a infância e agora tive de me acostumar a um novo hábito: mesmo diante de estantes cheias, nunca encontro o livro que procuro como encontrava antes. Agora tenho de encomendá-lo. Qualquer livraria, salvo raras exceções, só vende o que lhe é pedido. Quando fui editor na Girafa, começou o hábito da consignação. Agora, sem consignação não há salvação. O editor só conseguirá entregar o livro se lhe for garantido recebê-lo de volta caso não seja vendido. E mesmo que venda muito, a reposição será faturada, uma vez mais

posta em consignação. É o novo jeito de fazer negócio.

Ainda segundo Wander Soares, que dá consultoria a grandes editores, atualmente há dois argumentos a serem acrescentados. O primeiro é resultado da globalização. Cada vez mais mandam no mercado editorial brasileiro as multinacionais, principalmente europeias, mas também americanas. E a segunda, a mão inversa dessa globalização: agora o editor brasileiro aposta no mercado externo. De modo geral, ele ainda sonha com a publicação de um autor que lhe reserve um lugar na história da literatura. Mas isso é cada vez mais raro. O livro é cada vez mais um negócio globalizado. Por isso, não se usa mais a palavra “originais”. Hoje está na moda o projeto. Você apresenta um projeto e o editor faz o cálculo: se pode ser lucrativo ou se ao menos paga as despesas. E, aí, pode decidir a seu favor. Ou não. Feiras de livros como a de Frankfurt, na Alemanha,

são vitrines poderosas neste novo negócio globalizado.

A figura do editor, que acompanha o autor, aconselha e de certa forma influi, até corrige textos -- como fazem Pedro Paulo de Sena Madureira, que está fora do mercado no momento, e seu discípulo José Mário Pereira, da Topbooks, que editou meu último livro, *O que sei de Lula* --, é cada vez mais rara. Hoje predomina o publisher, profissional que faz negócio com o livro. Uma coisa, contudo, não mudou: o assessor, como Wander, ainda aponta, indica, influi. Este é capaz de ler as primeiras cinco páginas, quando muito, de um projeto e saber se vale a pena continuar ou não. Ou seja, mesmo nesta época da cultura de massa, da globalização das grandes editoras (espanholas, italianas, inglesas, americanas, etc.), o livro ainda tem a importância que tinha no passado, a despeito das mudanças de rota.

Meu editor e amigo José Mário Pereira, que é sócio da mulher, Christine Ajuz,

que trabalhou comigo no Jornal do Brasil, é otimista em relação à sobrevivência do livro como suporte de conteúdo. Ele me mandou uma mensagem respondendo a algumas perguntas a respeito do tema e nela me escreveu: “Mesmo diante dos vaticínios tempestuosos de alguns, que dizem que o livro no seu formato tradicional logo vai acabar, nunca se imprimiu tanto. Mesmo os que se valem de instrumentos eletrônicos para ter acesso a certos livros acabam por comprar também a obra em papel. Há estatísticas que comprovam este fato. Mesmo com a facilidade de se obter informação pela televisão e pelo computador, o livro continua sendo o meio mais eficaz de apreensão e fixação do conhecimento. As grandes bibliotecas do mundo todo continuam a comprar livros, embora estejam preocupadas também em digitalizar o seu acervo. Nos Estados Unidos, por exemplo, compra-se tudo o que se publica no Brasil. As bibliotecas americanas disponibilizam para o pesquisador livros brasileiros raros, que

aqui se demora a localizar em nossas melhores bibliotecas. Wilson Martins costumava dizer que só escreveu a História da inteligência brasileira porque o fez nos Estados Unidos, onde era fácil pesquisar e o sistema de empréstimo entre bibliotecas realmente funcionava.

Zé Mário tem razão. O Sindicato Nacional dos Editores (Snel) e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) costumam encomendar pesquisas sérias sobre o desempenho e a expansão do nosso mercado livreiro e tudo indica que a indústria editorial brasileira passa por um período de grande vitalidade. São muitas as feiras editoriais que se realizam pelo país afora, a começar pela Bienal do Livro, e, ao que se saiba, o resultado final tem deixado contente o mercado. Essas feiras ainda ajudam a democratizar o livro junto às classes menos favorecidas, pois nelas muitos livros são vendidos com descontos, que estimulam a compra.

De acordo com a pesquisa bastante confiável da Câmara Brasileira do Li-

vro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores e Livreiros (Snel), conforme me informou Cristina Lima, da CBL, em 2013 foram vendidos no Brasil 279 milhões e 660 mil exemplares de livros -- 4,13% mais do que os 278 milhões e 560 mil vendidos em 2012. Deste total o governo comprou 200 milhões e 300 mil em 2013, um número bem maior do que os 166 milhões e 350 mil comprados em 2012. O faturamento total -- considerando vendas ao governo, em livrarias ou por outros métodos -- foi de R\$ 5 bilhões e 350 mil em 2013, um aumento real de 1,52% em relação ao apurado em 2012, considerando-se o IPVA de 5,91%. E o preço real de capa aumentou 1,7% de 2012 para 2013.

Convenhamos que não é um mau resultado, mesmo se se considerar que o perfil desse crescimento não foi alentador, pois mostra o declínio de obras de qualidade e o constante aumento da produção de livros religiosos, de autoajuda e didáticos. Quanto a estes últimos, o crescimen-

to, mesmo tímido, deve-se quase todo aos programas de compra e distribuição de livros do governo federal, que é o maior comprador das editoras no País e um dos maiores do mundo, só perdendo, nesse particular, para o México.

QUARTO MANDAMENTO



Perseverar, pois ainda
é possível um autor
desconhecido publicar
seu livro.

Antes de abordar este quarto mandamento, contarei três histórias clássicas de descobertas de autores que se consagraram.

O poeta e banqueiro Augusto Frederico Schmidt descobriu Graciliano Ramos ao ler no Diário Oficial a prestação de contas dele como prefeito de Palmeira dos Índios. O poeta achou o texto bem escrito e tratou de escrever ao prefeito alagoano pedindo que, se tivesse algum romance na gaveta, o enviasse para ele ler. Foi as-

sim que editou *Caetés*, livro de estreia do mestre Graça.

Nos anos 50, o jornalista alagoano Audálio Dantas fazia uma reportagem para a *Folha de S. Paulo* na favela do Canindé, em São Paulo, quando conheceu Maria Carolina de Jesus, que lhe mostrou anotações em papéis amarranhados. Foram o ponto de partida para *Quarto de despejo*, um dos livros de maior sucesso no Brasil em todos os tempos.

Em 1975, o poeta Carlos Drummond de Andrade compareceu ao lançamento de *Contato*, de Marly de Oliveira, que Pedro Paulo de Sena Madureira editou na Imago por indicação de uma amiga comum, a romancista Nélide Piñon. Ao se retirar do coquetel, o poeta pediu que Pedro o acompanhasse até o táxi e na calçada pediu permissão para mandar ao editor amigo originais que havia recebido de uma mineira desconhecida, de Divinópolis, Adélia Prado, por cuja poesia ele tinha ficado fascinado. No

dia seguinte, ao chegar ao escritório, cedo, o editor encontrou uma cópia xerox de *Bagagem*. O livro foi lançado em maio, mês de Maria, de 1976, junto com *Vazio Pleno*, de Rachel Jardim. A noite de autógrafos foi uma das mais concorridas à época: Cecília Meireles, Oscar Niemeyer, Juscelino Kubitschek, Marina Colasanti e Afonso Romano de Sant'Anna, entre outras figuras ilustres, compareceram à festa. Adélia, que não tinha conseguido publicar seu livro pela editora do Pasquim, antes, ainda faz tanto sucesso que dia destes participei de um público entusiasmado que a ouviu e aplaudiu no enorme teatro da PUC de São Paulo, o TUCA, lotado. Negando a teoria de que o profeta tem que sair de sua terra para ser ouvido, até hoje Adélia mora em Divinópolis e só sai de lá para ser ouvida e aplaudida no mundo inteiro, mas depois volta para o interior de Minas, onde nasceu e vive.

Raimundo Gadelha acha impossível que essas histórias se repitam hoje em dia. Segundo ele, isso só seria possível se houvesse uma “trama mirabolante” de uma instituição com poder para tal e de olho nos desdobramentos (financeiros, principalmente) de que, em médio e longo prazos, poderia beneficiar-se. Márcia Lígia Guidin, da Miró Editora, que acaba de editar o excelente romance *O incrível testamento de Dom Agapito*, de Helder Moura, lançado originalmente pela Chiado, editora portuguesa, discorda dele: “Creio que estes casos podem acontecer de novo, embora seja mais difícil encontrar padrinhos suficientes, de vez que há escritores demais”, disse-me ela.

QUINTO MANDAMENTO



Reza que o autor iniciante precisa estar atento para aproveitar as oportunidades que aparecem.

Esse foi o meu caso. Sempre fiz sucesso como jornalista, mas tudo o que eu queria era ser reconhecido como literato. Embora nunca tenha misturado uma coisa com a outra, até porque essas coisas não se misturam, nunca tive vergonha de usar o poder conquistado no jornal para abrir espaço no universo das letras.

Aos 30 e poucos anos, eu era secretário de redação do poderoso *Jornal do Brasil*, no Rio, e procurei Pedro Paulo de Sena Madureira, com quem tinha trabalhado em 1969 na Editorial Bruguera, em Olaria,

então a pleno vapor na Nova Fronteira, para editar um livro de poesia, *Os solos do silêncio*, prefaciado pelo respeitado poeta, crítico e tradutor José Paulo Paes. Pedro aprovou o livro, mas saiu da Nova Fronteira depois de brigar com Sérgio Lacerda, filho do ex-governador Carlos Lacerda e herdeiro da editora. Sérgio escreveu para meu patrão, Nascimento Brito, insinuando que eu teria um caso homossexual com o ex-editor dele. No fim, para evitar confusão, o livro foi editado pela Secretaria de Cultura da Paraíba no governo Milton Cabral. O secretário era Lula Crispim. E o governador, ao receber o exemplar autografado das mãos de meu pai, balançou-o no ar, como se fosse um bezerro para ser pesado, e reclamou que era fino e leve demais para ter algum valor. Meu primeiro grande sucesso em livro resultou da cobertura que fiz como editor de política do *Estadão* da campanha presidencial de 1989 e foi editado por Pedro Paulo na Siciliano. O resultado, *Atrás do*

Palanque, passou seis meses na lista dos dez mais vendidos da revista *Veja*. Isso e mais o prêmio Senador José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras, de 2005, que ganhei com o romance *O silêncio do delator*, considerado o melhor livro de 2004, me garantiram recepção razoável de editores para meus livros, já perfazendo hoje um total de uma dúzia.

Nem tudo o que aconteceu comigo acontecerá automaticamente com qualquer outro iniciante. Mas meu exemplo serve para mostrar que um bom trabalho em jornalismo ou em publicidade pode favorecer o escritor a realizar seu sonho de estrear no mercado livreiro.

Nesse sentido, Zé Mário me pediu para contar que, como aconteceu comigo, hoje muitos autores são descobertos devido à atuação profissional deles na imprensa, na internet ou na televisão. É o caso da atriz Fernanda Torres, por exemplo, cujo romance de estreia, *Fim*, vendeu mais de 100 mil exemplares e agora está sendo

lançado em várias línguas. Gregório Duvivier, que virou best-seller, Daniel Galera, autor de grande fortuna crítica, e outros de que se fala muito agora foram descobertos via presença na mídia, e não porque procuraram, como se fazia tradicionalmente, uma editora ou um editor.

SEXTO MANDAMENTO



Nem tudo está
perdido para quem
tem fé, talento e força
de vontade.

Para autores nunca publicados episódios similares ao da corrente que revelou Adélia Prado – de Drummond a Pedro Paulo – são cada vez menos prováveis. Mas não impossíveis. Zé Mário garante que as editoras recebem e avaliam muitos originais, que agora também são encaminhados via internet de todo o Brasil e às vezes até de fora do País. O acesso ao mercado editorial se democratizou. É bom lembrar que muitos autores estão colocando seus textos na internet, às vezes livros

inteiros. E nesse processo se tornam conhecidos, despertando o interesse das editoras quando se trata de obra de valor literário indiscutível.

“Sim, é possível e até não é tão difícil assim”. O grande problema, segundo Raimundo Gadelha, da Escrituras, é o que fazer com isso, pois este é um país que, além de ler muito pouco, tem uma população que, em condições normais de temperatura e pressão, cresceu “aprendendo a ler mal”.

Além do mais, ainda conforme Gadelha, tornou-se quase insolúvel a questão da distribuição do livro no Brasil e no mundo. E ela se tem agravado depois de o livro ter passado a receber o mesmo tratamento dado à chamada fast-food. Esgota-se cada vez mais a possibilidade de grandes e perenes obras. Em seu lugar ganha força a “leitura de rápido consumo” e, para os empresários das redes de livrarias, menos importa a qualidade do que um giro rápido pelos caixas.

Mas a boa literatura ainda tem seu lugar no mercado. Qualidade também ajuda a vender, embora não seja suficiente, isoladamente.

SÉTIMO MANDAMENTO



Mandar textos para os inúmeros concursos literários existentes no País. Há que se informar sobre eles e inscrever a obra em todos quantos for possível fazê-lo.

Concursos, hoje em dia, podem ser uma boa fonte de renda (há prêmios bem suculentos, como o São Paulo de Literatura) para quem os vença. Além disso, eles servem realmente de peneira para que autores desconhecidos e de talento sejam publicados e, depois, façam sucesso. Ser desconhecido, vencer um concurso e ser publicado é, sem dúvida, o primeiro passo e representa uma conquista da maior importância. Mas voltamos ao velho problema da distribuição. Tirando o orgulho e a sa-

tisfação pessoal do autor, de que vale a editora publicar se a grande maioria das livrarias não aceita, mesmo em consignação, os livros?

Outro caminho é participar de feiras literárias. Sem elas, a situação certamente estaria ainda pior, embora sejam cada vez mais realizadas para turismo do que para cultura. Elas ajudam o escritor iniciante, porque dentro delas, ou na periferia delas, sempre ele encontrará espaço para divulgação do que se está produzindo de bom. Feiras no interior do País, por exemplo, ajudam a aproximar bons escritores de bons leitores e desse diálogo acaba se sabendo também o que se produz de bom.

OITAVO MANDAMENTO



Não se envergonhar
de não conseguir viver
de direitos autorais.
Viver de direitos
autorais é ainda mais
raro do que publicar
um livro e até mesmo
fazer sucesso com ele.
Os direitos de
meu livro **Atrás
do palanque**,
apesar do sucesso,
não substituíam
meu salário como
jornalista.

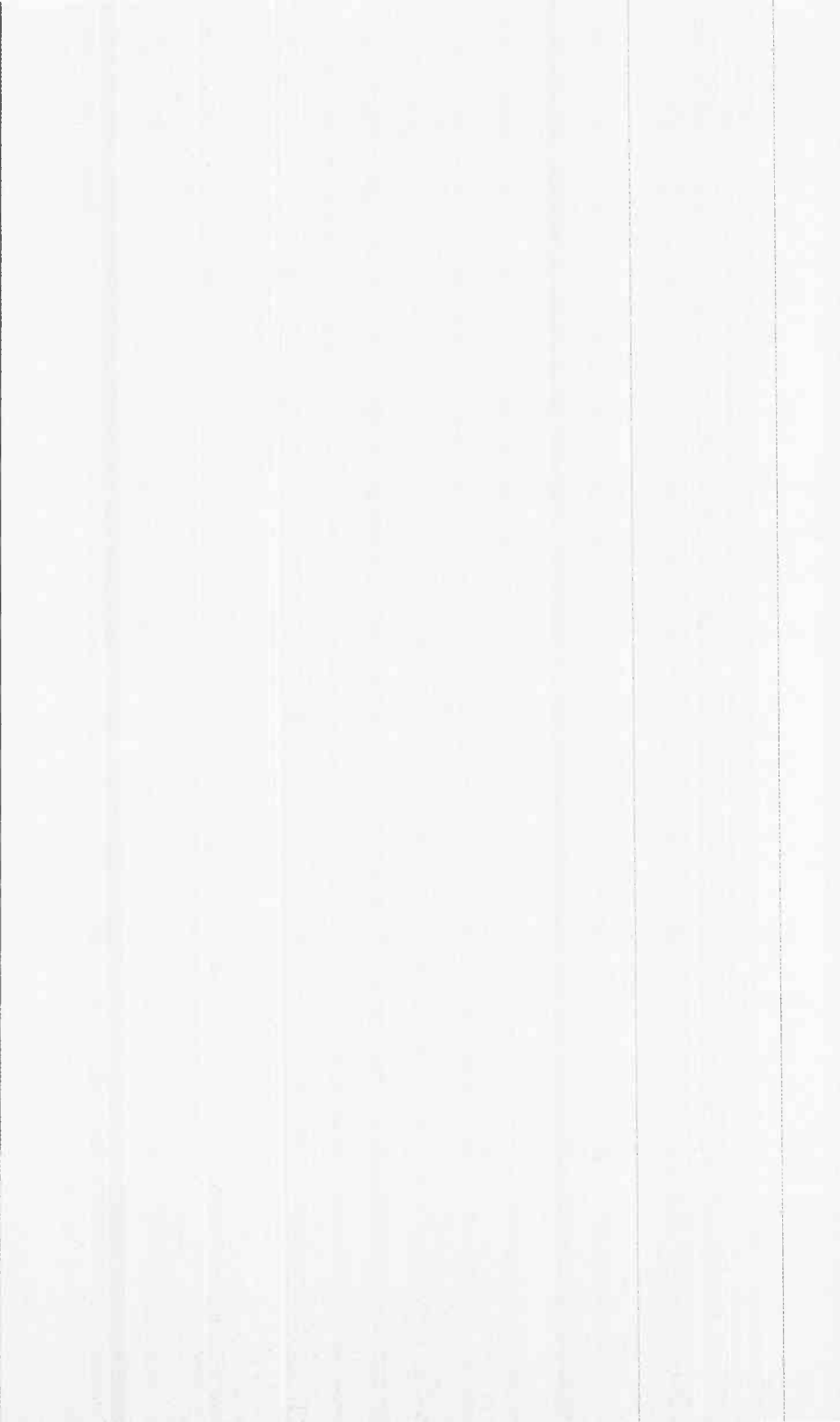
A profissionalização é um desafio enorme para o estreante. No Brasil, durante muitos anos, Jorge Amado era o único escritor que podia viver confortavelmente de seu ofício. Hoje, a situação melhorou um pouco. Há Paulo Coelho, conhecido internacionalmente. Tive a oportunidade de testemunhar filas dobrando o quarteirão para conseguir autógrafos dele em Paris. Fui muito amigo de Marcos Rey, que conseguiu isso. Dia destes, Isabel e eu nos en-

contratmos com a viúva dele, Palma Donato, num café de shopping e ela não estava insatisfeita com a renda produzida pelos livros do autor de *O enterro da cafetina* e *O último mamífero do Martinelli*.

Lembro-me ainda de Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Antônio Torres e Fernando Moraes, que vivem de escrever. Ruy Castro também aceita entrar nesta lista, mas observa: “Eu que não escreva para jornais para ver se o rendimento dos livros chega para as despesas...” Restrinjo a lista aos literatos, porque sabemos que os autores de livros religiosos, didáticos e de autoajuda vendem o suficiente para viver bem. Além de autores de livros polêmicos em nosso conturbado ambiente político -- caso de *Assassinato de reputações*, do delegado Romeu Tuma Jr., meu velho amigo e grande sucesso nos perfis sociais.

Mas o escritor estreante não deveria, a meu ver, sonhar tanto com

isso. A profissionalização é a loteria dos que já ganharam outra loteria. Nossa tradição não privilegia o escritor profissional. Temos geniais amadores de que nos orgulhar. Machado de Assis era funcionário público, como o era Drummond, e Joaquim Nabuco, diplomata, como João Cabral de Melo Neto, e político, como José Américo de Almeida, o melhor texto da Paraíba. Por falar em paraibano, Augusto dos Anjos, meu patrono nesta casa, foi mestre-escola no interior de Minas, tendo sido, portanto, colega de ofício de Isabel, minha mulher. José Lins do Rego era promotor e João Guimarães Rosa, médico e diplomata. Ariano Suassuna era professor universitário. E por aí afora. Um grande escritor não terá de ser um profissional de ofício. Os exemplos de gênios amadores provam isso.



NONO MANDAMENTO



Nada esperar da crítica
literária publicada nos
meios de comunicação.

Não poderia terminar estas palavras sem lamentar a extinção da crítica literária nos meios de comunicação -- e particularmente na imprensa, na qual milito. Antigamente todos os bons jornais tinham o seu crítico literário de plantão e o seu suplemento literário. Antônio Olinto escreveu durante anos a fio a coluna Porta de livraria no Globo, do Rio. Álvaro Lins, Antonio Candido, Agripino Grieco, Afonso Arinos de Melo Franco, Augusto Frederico Schmidt e José Guilherme Merquior escreveram muito

em jornal. Este último, por exemplo, estreou no famoso Suplemento dominical do *Jornal do Brasil*. A época dos grandes suplementos foi gloriosa para a nossa literatura. Havia ainda revistas como a *Senhor*, na qual Merquior também escreveu, ao lado de Ferreira Gullar, Paulo Francis e Ruy Castro. Hoje temos o *Rascunho* e a *Piauí*, mas os grandes jornais reduziram muito o espaço para livros. Adotou-se há muito a resenha, quase sempre mais informativa do que analítica. Esse, infelizmente, é um fenômeno quase internacional, apesar da perenidade de jornais culturais do nível do *New York Review of Books*, nos Estados Unidos, onde escreveu Edmund Wilson, e os ingleses *London Review of Books* e *Times Literary Supplement*.

Hoje nos limitamos à crítica acadêmica. E nem sempre ela tem sido de boa ajuda, embora ainda seja o último baluarte, ou balaústre, como diria meu amigo Bob Coutinho, dono do restaurante Plataforma Grill, em São Paulo, da ten-

tativa de informar o público sobre o que se faz de bom na literatura brasileira.

Preciso aqui abrir parênteses nesta edição por escrito de minha palestra para preencher uma lacuna da qual fui alertado pelo colega escritor e professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, Aleilton Fonseca. Sou velho amigo e fã de Aleilton, que foi o autor de uma das melhores resenhas sobre meu romance premiado pela ABL *O silêncio do delator*, fazendo parelha com gente como Wilson Martins, Ledo Ivo e Bráulio Tavares. Não tenho sequer diploma universitário, *et pour cause*, nenhuma vivência acadêmica. Passou-me por isso despercebida a lacuna enxergada por Aleilton após ler, como muitos outros amigos meus, a versão do texto que li na APL. Peço, pois, vênia a ele e a meus leitores para citar parte de sua mensagem encaminhada por e-mail:

“Faltou um mandamento que falasse da via universitária e escolar para escritores que existem e são correntes nesse

ta de Sergipe, que, embora editado pela Companhia das Letras anos atrás, foi relegado a segundo plano, porque não teve boas vendas, dizem, mas ainda é muito estudado por acadêmicos; Carlos Ribeiro, de 56 anos, romancista baiano, contista, jornalista, professor da UFRB, com várias obras, estudado em mestrado e em doutorado; Aramis Ribeiro Costa, de 64 anos, romancista e contista fabuloso, hoje presidente da Academia de Letras da Bahia; Antonio Brasileiro e Roberval Pereyr, poetas de Feira de Santana, Bahia, ambos muito estudados e adotados nas universidades locais, com vários livros publicados e alguns prêmios. Na mesma situação são ainda encontrados na velha Salvador meu antigo colega no Jornal do Brasil Florisvaldo Mattos, Myriam Fraga - na opinião de Aleilton, e não tenho como duvidar dele, "esplêndida, talvez a melhor poeta mulher do Brasil atual" -, Luís Antônio Cajazeira Ramos, Gláucia Lemos e Fernando da Rocha Peres. Ele chamou

a atenção também para Claudio Aguiar, pernambucano, atual presidente do Pen Clube, com romances importantes e sem a devida atenção; Iacyr Anderson Freitas, poeta de Juiz de Fora, Minas Gerais; e Evaldo Balbino, outro mineirinho, da UFMG, contista, poeta e ensaísta, que recebeu alguns prêmios. Cito ainda entre escritores que fazem sucesso acadêmico, mas não furaram a muralha que protege a elite literária nacional, o poeta cearense Adriano Espínola, meu companheiro de saraus de sábado na Livraria da Travessa, de Ipanema. E, *last but not least*, Aleilton relacionou Rinaldo de Fernandes, maranhense radicado na Paraíba, professor da UFPB, meu parceiro na organização da antologia *Os cem melhores poetas brasileiros do século*, editada em 2001 pela Geração Editorial, de São Paulo. Rinaldo está no meio termo: como crítico e ficcionista é celebrado na academia; como autor de antologias, já conquistou um lugar ao sol no mercado livreiro. *Chico*

Buarque do Brasil, que inclui um poema meu, chegou a ficar entre os livros mais vendidos no caderno Ideias e Livros, do extinto *Jornal do Brasil*. Tanto num caso, o circuito acadêmico, quanto no outro, o círculo literário, sem sair do Nordeste, Rinaldo realizou seu sonho de adolescente: “Hoje, aonde eu chego encontro leitores, gente que conhece e lê o meu trabalho”.

DÉCIMO MANDAMENTO



Frequentar academias
e tirar proveito
do convívio dos
acadêmicos ou de suas
atividades.

Por último, permitam-me dedicar o último mandamento a esta nossa Casa de Coriolano de Medeiros. Acho que as academias, mesmo sendo muito enxovalhadas (como o foi a ABL pelo colega Mário Sérgio Conti na *Folha de S. Paulo*, por ocasião da posse de Ferreira Gullar), cumprem um papel positivo para a divulgação da literatura e a criação de espaços para a manifestação dos escritores. Prefiro aqui apelar para o depoimento de meu último editor, José Mário Pereira, que me escreveu pontificando: “A Academia Brasileira

de Letras edita livros, promove vários seminários durante o ano, desenvolve intercâmbio com universidades estrangeiras e abre seus espaços à visitação do público. O Pen Club também tem se mostrado muito ativo. Idem a Academia Carioca de Letras, que acaba de empossar Martinho da Vila. Isso para lembrar o que acontece no Rio de Janeiro. E poder mos citar ainda o exemplo de São Paulo, de Pernambuco, da Paraíba e de muitas outras instituições culturais espalhadas pelo País, verdadeiramente comprometidas com a divulgação do que se produz de bom na literatura, nas artes, na música, no folclore, etc. Os jovens escritores têm sabido se reunir em blogs, via Facebook, e esse entrosamento acaba resultando num melhor conhecimento do que está acontecendo com quem começa a escrever e tem interesse em ver divulgado o seu trabalho”.

Aqui ainda não chegamos a esse ponto, mas apoio com entusiasmo a abertura que a Academia Parai-bana de Letras está dando para os

estudantes conhecerem seu funcionamento. E acredito que isso poderá no futuro contribuir para incentivar jovens e bons autores a produzir, publicar e se aprimorar.

Os mandamentos de Nêumanne

Quando convidamos o escritor e jornalista José Nêumanne Pinto para um debate no Pôr do Sol Literário, em dezembro de 2015, imaginávamos que ele se limitaria a proferir apenas uma breve palestra. Mas Nêumanne, como sempre, surpreendeu. Durante as comemorações de um ano da Confraria Sol das Letras, o irrequieto Nêumanne não se resumiu a uma palestra protocolar sobre os desafios do escritor no Brasil...

Apresentou praticamente um tratado sobre os mandamentos de um escritor iniciante no Brasil, desde os desafios no processo de

criação literária até a relação com editoras e a distribuição de sua obra. E trouxe seu exemplo pessoal como fio condutor, desde os seus tempos de infância, e suas influências mais marcantes como os poetas Jansen Filho, Casimiro de Abreu e Augusto dos Anjos, dentre tantos outros.

Aqui um dos seus postulados mais importantes: um grande escritor começa como um grande leitor. E mais: o escritor tanto deve ser rigoroso com o que escreve, como sua tolerância deve ser zero com o erro. Ao longo de sua palestra, traçou com precisão a cartografia da tormenta que é escrever, buscar espaço em editoras e, especialmente, acompanhar a distribuição de seu trabalho, afinal não há escritor sem leitor. Mostrou completo domínio de todo o ciclo.

Autor de obras destacadas como Barcelona, Borborema, Solos do Silêncio, As tábuas do Sol, em poesia, ou na prosa consagrada de textos como Atrás do Palanque, Veneno na Veia, e O Silêncio do Delator, uma de suas obras mais polêmicas, Nêumanne ostenta uma trajetória amplamente consolidada como um dos maiores escritores contemporâneos da Paraíba e do País.

Ao longo de sua brilhante exposição no Pôr do Sol Literário, Nêumanne revelou alguns dos preciosos segredos para palmilhar os caminhos da literatura no Brasil, especialmente para um escritor nordestino, normalmente tão distante do centro difusor da cultura do País, no eixo Rio-São Paulo. Mostrou como, graças ao talento e à obstinação, o escritor pode superar os obstáculos e se consolidar com a força de sua obra. O seu exemplo diz muito.

Resultado: este “tratado” sobre os dez mandamentos de José Nêumanne tornou-se obra obrigatória para todos aqueles que pretendem enveredar pelos tormentosos caminhos da literatura no Brasil.

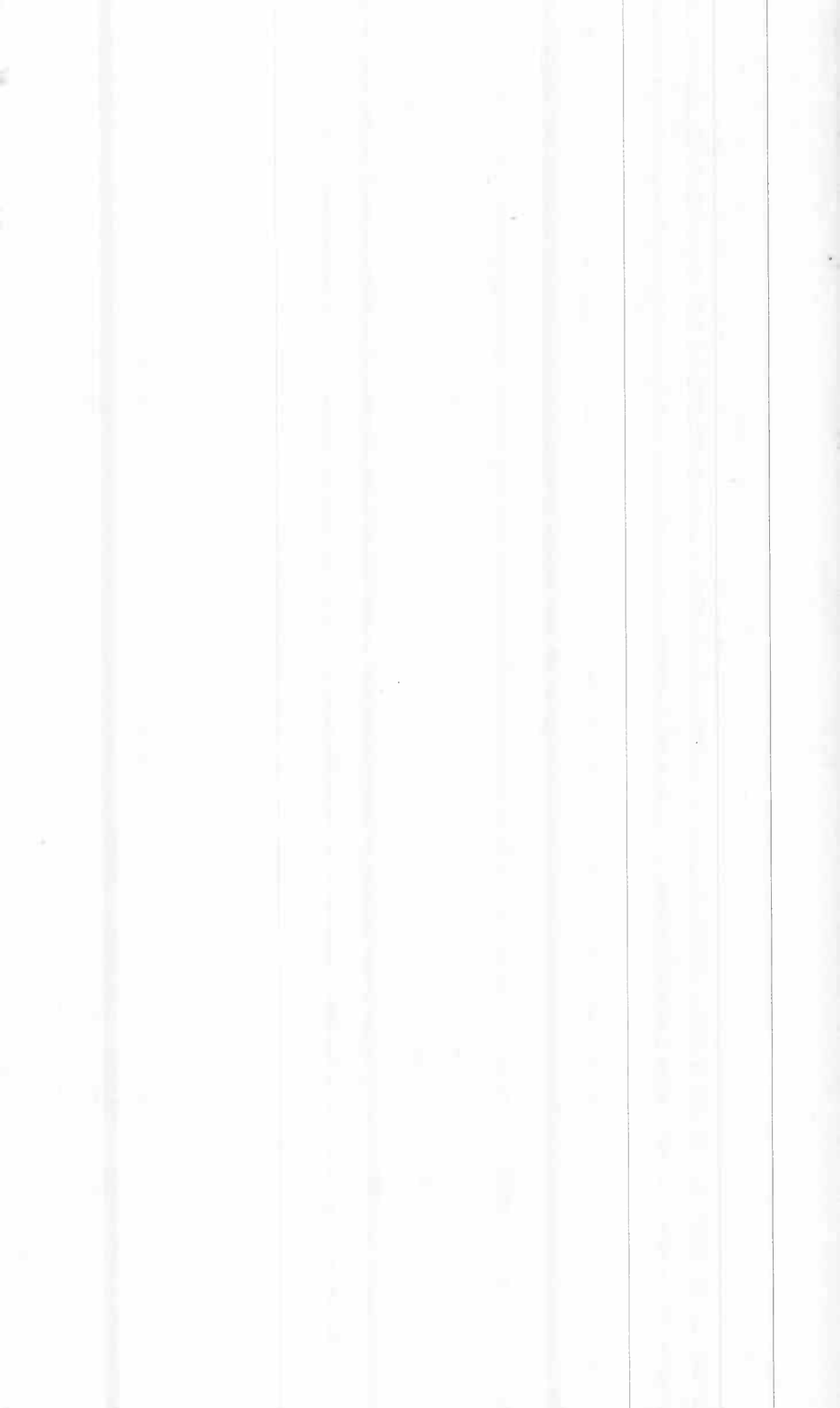
Hélder Moura

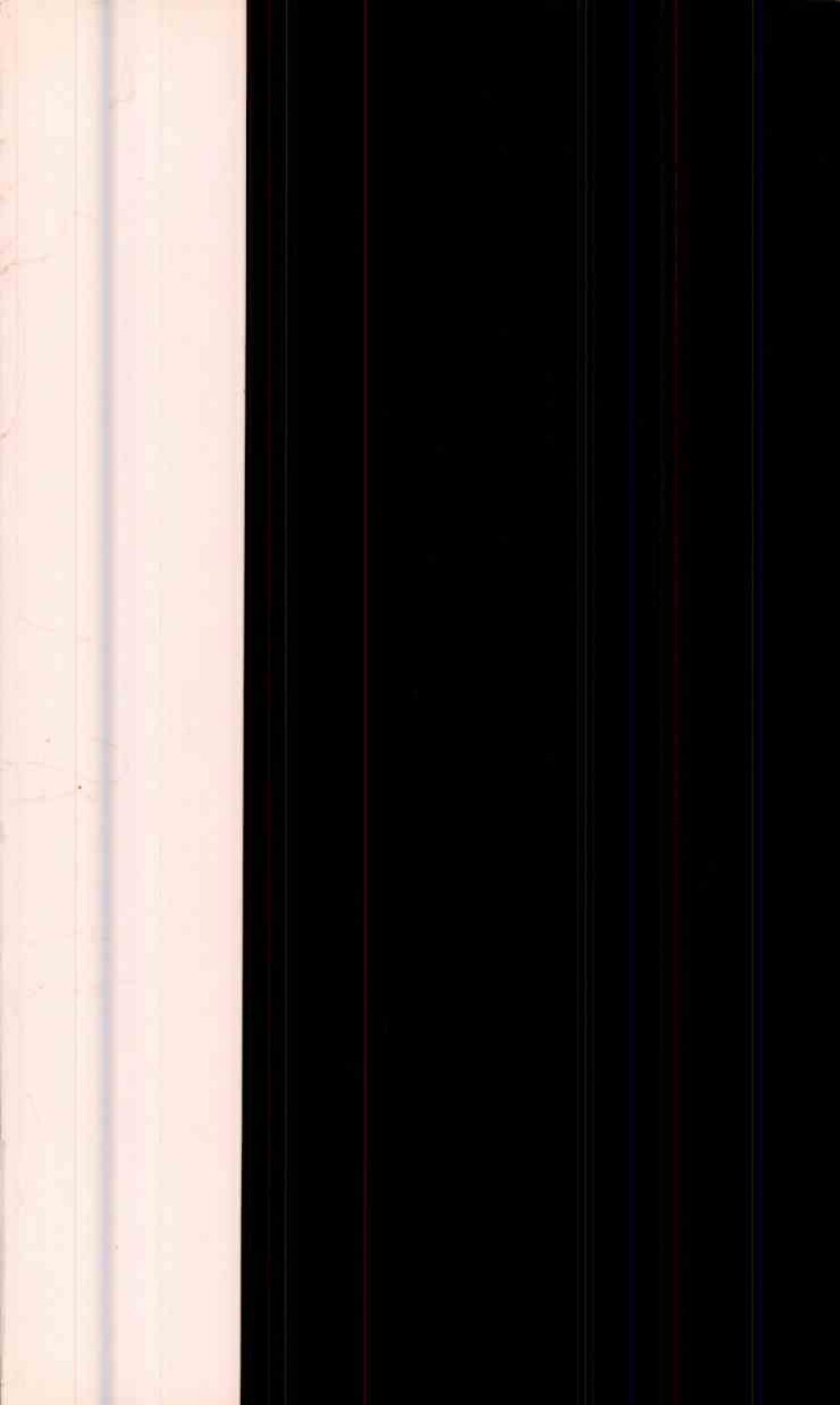


José Nêumanne Pinto

Nasceu em Uiraúna, Paraíba, em 18 de maio de 1951. É casado com a historiadora Maria Isabel de Castro Pinto. Tem três filhos e cinco netos. Jornalista, começou no *Diário da Borborema*, de Campina Grande. Foi repórter da *Folha de S. Paulo*, chefe de redação do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, colaborador da página de artigos do *New Herald* (edição em castelhano do *Miami Herald*) e chefe dos editorialistas do *Jornal da Tarde*, de São Paulo. Atualmente, é editorialista e articulista de *O Estado de S. Paulo*, comentarista diário da Rádio Eldorado (FM 107,3) e, duas vezes por semana, no *Jornal da Gazeta*, da TV *Gazeta*. Antes, exerceu as mesmas funções na Rádio Jovem Pan e no Sistema Brasileiro de Televisão. Também foi proprietário de A Girafa Editora. Vencedor do Prêmio Esso de Economia, em 1975, com a série de reportagens Perfil do Operário Brasileiro Hoje, publicada no *Jornal do Brasil*, e do prêmio de reportagem esportiva do Troféu Imprensa, do SBT, no mesmo ano, com matéria veiculada sobre Eder Jofre e o Boxe Brasileiro. Tem 12 livros publicados, o último dos quais *O que sei de Lula* (Topbooks, 2011). Com o romance *O silêncio do delator* ganhou o Prêmio José Ermírio de Moraes de 2005, como o melhor livro publicado em 2004. Ocupa a cadeira nº 1 (Augusto dos Anjos) da Academia Paraibana de Letras e a nº 2 (Júlio Neilly) da Academia Paulista de História.

Esta obra foi composta na fonte Calisto MT, 14, e
impressa em papel triplex 350g, capa, e papel pollen
90g, miolo. Impressa no parque gráfico
da JB, em dezembro de 2017.





O sonho permanente de um autor em ver publicados seus originais em solo brasileiro tem se revelado uma caminhada de intensa e árdua travessia. Ainda mais quando se trata de um escritor pouco conhecido ou mesmo desconhecido. Conquistar o difícil mercado do livro e o tão cobiçado ambiente das editoras é algo quase inacessível para quem está começando. E foi justamente pensando naqueles que desejam, mais do que tudo, alcançar o seu lugar ao sol no mágico universo das letras, que o poeta, escritor e jornalista José Nêumanne Pinto concebeu este breve manual literário, fruto de iluminada fala no PÔR DO SOL LITERÁRIO, a convite da Confraria Sol das Letras. Dez mandamentos, um só pensamento. Terna e eterna companheira das palavras, a continuada e fértil leitura pede passagem para quem sempre será cúmplice e parceiro da melhor escrita. Vertentes que se entrelaçam e abrem caminhos ao jovem autor no Brasil. A começar por manter distância dos ventos da mediocridade e valer-se das oportunidades cotidianas oferecidas ao possível futuro escritor de talento reconhecido e aplaudido. Passo a passo, Nêumanne nos sugere uma esplêndida viagem de estilo e de estímulo à criação literária presentemente florescida e exercida nos quatro pontos cardeais do país.

Juca Pontes



ISBN 978-85-7879-853-4



9 788578 798534

